

GNOSE E HUMANISMO

Desde as origens do Cristianismo, vimos os gnósticos se esforçarem para penetrar na jovem Igreja e aí depositar o germe de seu culto satânico. Este foi um fracasso. A partir do século VI, eles tiveram que trabalhar em segredo.

Acompanhamos sua ação discreta através dos séculos da Idade Média. Aqui e ali, ela aparece repentinamente para cair muito rapidamente na sombra de onde havia acabado de sair. Por exemplo, os hereges sabelianos explicavam a Trindade como uma mônada em expansão. Marcelo de Ancira falava da “dilatação do divino” e do *Logos* se exteriorizando através de uma energia divina, embora permanecendo sempre Deus. Os arianos afirmavam que Jesus Cristo e o Espírito Santo eram emanações de Deus Pai, que Jesus Cristo era um homem perfeito, cuja alma era o “*Logos*”, em comunicação direta com Deus.

Mais tarde, no século XII, vemos aparecer, sem ligação aparente com uma Gnose anterior, um monge da Calábria, que alegou ter entrevisto, errando ao sol no jardim de seu convento, um belo jovem que lhe estendeu uma taça onde ele bebeu algumas gotas. Joaquim de Fiore acabara de provar em um cálice maravilhoso a revelação do futuro, a visão do Evangelho Eterno. Partiu para a Terra Santa. No retorno, parou em um mosteiro na Sicília, perto do Etna, onde teve um êxtase de três dias, semelhante a uma agonia:

“*Eu estava aos seus pés, conta seu discípulo, eu escrevia e dois outros comigo. Ele ditava noite e dia. Seu rosto estava pálido como a folha seca dos bosques.*”

Ele anunciava o fim da Lei de Cristo, que deveria se retirar no ano de 1260 diante da Lei do Espírito. A terceira era será o Evangelho Eterno; a lei do Amor e o tempo da Liberdade. Sua doutrina foi propagada pelos franciscanos, o próprio Joaquim não foi perseguido. Dante o coloca entre os eleitos e lhe concede o título de profeta. Ele teve discípulos na Alemanha, no século XIV, “os irmãos do Livre Espírito”, Mestre Eckhart, Tauler, Suso. De fato, ele ensinou a gnose mais clássica. O fim da Humanidade é se fundir em Deus pela obra do Espírito e, nessa união, a alma do homem não é mais do que o próprio Deus.

Mestre Eckhart continua o ensinamento de Joaquim de Fiore:

“*A alma, ele diz em seu sermão ‘Nisi granum frumenti’, escapa de sua natureza, de seu ser e de sua vida, e nasce na divindade. É ali que está o seu devir. Ela se torna tão totalmente um só ser que não resta outra distinção senão esta: Ele permanece Deus e ela permanece alma.*”

Essa união, “Einung”, é na verdade uma fusão de dois seres em uma única divindade total: é o retorno à unidade primordial de nossos gnósticos. O Papa João XXII condenou em uma bula de 1329 esta tese de Mestre Eckhart:

“Nós nos metamorfoseamos totalmente em Deus e nos convertemos nele da mesma maneira que o pão no sacramento se transforma em corpo de Cristo. Eu sou assim transformado nele porque ele mesmo me faz ser seu. Unidade e não semelhança. Pelo Deus vivo, é verdade que não há distinção alguma aí.”

Acompanhamos assim, através dos séculos da Idade Média, uma empresa secreta de penetração no pensamento cristão de uma gnose que se esconde sob uma linguagem aparentemente cristã.

Mas se quisermos realmente presenciar um retorno em força da gnose no pensamento cristão, é preciso esperar o século XV com o florescimento do Humanismo na Renascença.

É então que o pensamento gnóstico exercerá uma influência decisiva sobre toda a mentalidade da elite culta no século XVI, de tal maneira que desde então ele não cessou de envenenar os espíritos até os nossos dias, apesar dos esforços enérgicos da Igreja para preservar a doutrina cristã contra essa nova invasão. O Romantismo do século passado não foi outra coisa senão uma ressurgência do Humanismo gnóstico! Nós o explicaremos em um próximo capítulo.

Se quisermos definir com precisão o Humanismo da Renascença, é preciso reconhecer que ele foi o resultado de uma penetração da Gnose cabalística ensinada pelos rabinos do século XV na sociedade cristã da época.

A Cabala, forma judaica da Gnose

Os gnósticos se esforçaram, desde os primeiros séculos, para penetrar no Judaísmo da diáspora de maneira a levar os rabinos, fiéis à Revelação do Antigo Testamento, a renegar o verdadeiro Deus, Javé.

Eles explicaram que Javé era apenas uma entidade demoníaca, que a Lei de Moisés havia sido inventada por ele para reduzir os judeus à escravidão do Demiurgo, aprisionando-os em uma rede de instituições e princípios arbitrários, manifestando a vontade de um tirano malévolos. Eles inundaram a Síria e a Palestina com cantos gnósticos que haviam composto. Neles se encontra todo o princípio da emanção, as ideias neoplatônicas, com um estado de exaltação e entusiasmo graças ao qual se “voava no ar” sobre “a carruagem da alma” e se realizava todos os tipos de milagres, acompanhados de alucinações e visões.

O resultado dessa penetração gnóstica em Israel foi, durante a Idade Média, o surgimento da Cabala ou “tradição”. Sua forma definitiva se expressou no livro do “Zohar”, ou seja, do “Esplendor”. Ele se apresenta sob a forma de um comentário do Pentateuco, ensinado pelo Rabi Simon ben Jochai a seu círculo de piedosos ouvintes. Sua redação atual remonta em grande parte a Moisés de León. Vamos dar um resumo baseado em Moisés Cordovero e Isaac Luria.

Mas é primeiro necessário livrar o Zohar de toda uma mitologia extravagante cuja leitura é muito penosa para uma inteligência comum. Os cabalistas se esforçaram para envolver seu ensinamento em um revestimento fantástico destinado a esconder suas verdadeiras intenções.

Nisso, eles não fizeram mais do que seguir o exemplo dos nossos primeiros gnósticos. Era de fato difícil fazer com que os rabinos abandonassem o verdadeiro culto de Javé. Era preciso para isso fingir seguir a Revelação do Antigo Testamento e dar um comentário respeitoso que deveria acabar por inverter completamente o sentido verdadeiro. Continuava-se a falar do “Santo, bendito seja seu nome”, da “criação”, mas essas palavras encobriam um sentido novo e inédito em Israel, o da Gnose, tal como já a expusemos.

O Grande-Todo-Pleroma dos nossos gnósticos chama-se, entre eles, o “En-Sof”, isto é, o “não-limitado”, grande Ser imutável, eterno, infinito, que contém em si todas as formas. Para explicar o surgimento do mundo visível e a multiplicidade dos seres que povoam o Universo, os cabalistas recorrem à noção de emanção e de contração. O Grande Todo primitivo, uma espécie de “caos”, se contrai para deixar um vazio no interior do qual vão aparecer as formas determinadas e múltiplas das criaturas que são o reflexo aparente do En-Sof.

Em outras palavras, o Grande Todo não é outra coisa senão a soma, a totalidade das coisas finitas. Para explicar essa passagem do Uno ao múltiplo, do indeterminado às formas concretas, os gnósticos haviam inventado poderes divinos intermediários, os Arcontes, capazes de produzir os seres. Eles são chamados “Sefirot” pelos cabalistas. Seu número e seus atributos podem variar de um escritor para outro, mas seu papel permanece essencial na produção das coisas finitas distinguidas entre si por suas qualidades, suas gradações, suas determinações.

Uma noção fundamental da Cabala é que é a maneira de apresentar o panteísmo mais absoluto, é a correspondência de estrutura entre os dois mundos, o do En-Sof e o mundo visível, objeto das nossas percepções:

“Todas as coisas, diz-nos o Zohar, dependem umas das outras e todas estão ligadas umas às outras até que se saiba que tudo é Um e que tudo é o Antigo e nada está separado Dele.”

O Antigo é o nome velado para designar a divindade original, fonte de todos os seres.

O Zohar precisa ainda:

“Quando se afirma que as coisas foram tiradas do nada, não se quer falar do nada propriamente dito, pois jamais um ser pode vir do não-ser. Mas entende-se por não-ser aquilo que não se concebe nem por sua causa, nem por sua essência, é, em uma palavra, a causa das causas, é ela que chamamos o Não-Ser primitivo, porque ela é anterior ao Universo, e por aí não entendemos

somente os objetos materiais, mas também a Sabedoria sobre a qual o mundo foi fundado. Todas as coisas de que este mundo é composto, o espírito assim como o corpo, retornarão ao princípio e à raiz de onde saíram. Ele é o começo e o fim de todos os graus da criação, todos esses graus estão marcados com seu selo e não se pode nomeá-los de outra forma senão pela unidade. Ele é o Ser único, apesar das formas inumeráveis das quais está revestido."

Tudo isso é perfeitamente gnóstico. Reconhece-se nessas considerações a filosofia de Spinoza para quem Deus é ao mesmo tempo causa e substância do Universo, a de Hegel também, para quem o mundo aparente não é mais do que a manifestação do Deus primitivo inconsciente e de muitos outros filósofos modernos que se esforçaram para desenvolver os temas gnósticos sob as formas mais extravagantes.

O Zohar também estuda o Homem. Já Maimônides havia distinguido no Homem, além do corpo, duas almas, uma inteligência material, encarregada de animar o corpo, e uma inteligência comunicada, emanação da Alma universal do Mundo. Trata-se, portanto, de uma constituição tripartida do homem, tal como sempre foi ensinado pela Gnose...

Para os cabalistas, o corpo não é mais que um revestimento, mas o princípio mediano, a Psique, de nossos gnósticos, é dividida em duas almas, já que deve participar da matéria e do espírito: são Nefesh, princípio animal e sensitivo em contato imediato com o corpo, e depois Ruach, sede da vida moral e princípio de animação; Neschama permanecendo a alma espiritual, emanação divina, inteligência pura, o *pneuma* dos gnósticos.

Todas as almas preexistem no mundo divino e caem nos corpos em consequência de uma queda:

“Notem”, explica o Zohar, “que todas as almas neste mundo, que são o fruto das obras do Santo, bendito seja, não formam, antes da sua descida à terra, senão uma unidade, essas almas fazendo todas parte de um único e mesmo mistério, e quando elas descem a este mundo inferior, elas se separam em macho e fêmea e são os machos e fêmeas que se unem.”

Daí a transmigração das almas, ensinada já pelos Gnósticos na metempsicose:

“Notem”, diz sempre o Zohar, “que o Santo, bendito seja, planta as almas aqui embaixo; se elas criam raízes, tudo bem, senão, ele as arranca, mesmo várias vezes, e as transplanta, até que elas criem raízes... As transmigrações são infligidas à alma como punição e variam de acordo com sua culpabilidade. Toda alma que se tornou culpada durante sua passagem neste mundo é, em punição, obrigada a transmigrar tantas vezes quanto for necessário para que ela alcance, pela sua perfeição, o sexto grau da região de onde emana.”

Encontra-se ainda no Zohar a doutrina da Reminiscência:

“Da mesma forma que, antes da criação, todas as coisas deste mundo estavam presentes ao pensamento divino, sob as formas que lhe são próprias, assim todas as almas humanas, antes de descerem a este mundo, existiam diante de Deus, no céu, sob a forma que conservaram aqui embaixo, e tudo o que aprendem na terra, elas sabiam antes de chegar aqui.”

Eis como Adolphe Franck resume a posição do Homem, segundo o Zohar:

“O homem é ao mesmo tempo o resumo e o termo mais elevado da criação. Ele não é apenas a imagem do mundo, da universalidade dos seres, compreendendo aí o ser absoluto, ele é também, ele é sobretudo a imagem de Deus, considerado no conjunto dos seus atributos infinitos. Ele é a presença divina sobre a terra, é o Adão celeste que, ao sair da obscuridade suprema e primitiva, produziu este Adão terrestre.”

E o Rabi Simon ben Jochaï explica aos seus discípulos que “a forma do Homem encerra tudo o que está no céu e na terra, os seres superiores como os seres inferiores”.

Não se poderia dizer melhor que o Homem é Deus ele mesmo manifestado. Os humanistas da Renascença não esquecerão a lição dos rabinos. Eles representarão o Homem, todos os membros desdobrados, perfeitamente inscrito num círculo, no Ovo primitivo de onde são retirados todos os seres; os cadernos de Leonardo da Vinci e o tratado de Albrecht Dürer sobre as proporções humanas representam essa sobreposição da forma humana numa figura geométrica que quer sugerir que o homem é a medida do mundo!

Como vemos, a Cabala não é outra coisa senão a Gnose traduzida para o hebraico. O conteúdo doutrinal é o mesmo e devem ser-lhe opostos os mesmos argumentos de bom senso que uma inteligência comum não pode deixar de encontrar, desde que queira se dar ao trabalho de refletir um pouco.

Finalmente, a Serpente, inspiradora de toda essa mitologia mentirosa, não se esqueceu de si mesma. Ela explicou aos Cabalistas que não é de forma alguma a inimiga do gênero humano, mas, pelo contrário, sua protetora e patrona, que foi vítima do ciúme injusto do Demiurgo, criador da matéria, que o arcanjo São Miguel e as outras potências celestes que a haviam precipitado no abismo eram verdadeiros demônios, enquanto que Lúcifer, Belzebu e Astaroth eram a inocência e a própria luz. O reinado de Miguel e da sua milícia devia em breve terminar. Ela mesma [a Serpente] seria reabilitada e reintegrada no céu com a sua falange.

O nome da Serpente venenosa é Samael. No dia em que ele reencontrar o seu nome e a sua natureza de anjo, retirar-se-á a primeira sílaba que quer dizer “veneno” e a segunda é o termo

comum designando todos os anjos. Nada é Mau, nada é amaldiçoado. O que se chama Mal está em Deus ele mesmo a outra face do Bem.

Os místicos judeus do período talmúdico, ao refletir sobre a natureza de Deus, haviam declarado que “Deus é o lugar onde o Universo reside”; eles haviam empregado a palavra “Ma Kom”, que quer dizer “lugar”, para designar Deus. Fílon já se exprimia assim: “Deus é chamado Ma Kom (o lugar) porque ele encerra o Uni- verso”, no seu tratado *De Somniis*.

Como, então, os rabinos puderam se unir quase todos à Cabala durante a Idade Média? É algo que sempre será difícil de compreender. Com efeito, essa nova doutrina é a total inversão do ensinamento da Bíblia e particularmente do Gênesis. O que é certo é que o Judaísmo contemporâneo abandonou o culto do Verdadeiro Deus e levou esse abandono até as suas últimas consequências. M. Th. Reinach, uma autoridade em Israel, declara na *Grande Enciclopédia*, que se desprenderá do Judaísmo

“uma religião superior, conciliando a noção da divindade, alma do mundo e fonte do Bem, com os dados da ciência, que a religião ultrapassa, mas não saberia contradizer, aceitando do Cristianismo o seu princípio de fraternidade universal já proclamado pelos profetas, mas corrigindo o seu pessimismo, que só vê salvação na outra vida, por essa fé ativa na melhoria indefinida da espécie humana que é a forma moderna da esperança messiânica”.

Os humanistas na escola dos rabinos

Foi na Itália, durante a Idade Média, que a atividade literária dos judeus exerceu uma influência considerável sobre o pensamento cristão na época em que o imperador Frederico II de Hohenstaufen convidou o célebre Anatoli da Provença para traduzir para o hebraico os escritos de Averróis e, depois, para o latim as obras de Maimônides. A partir do século XIV, os escritores judeus se aproximam dos principais representantes da cultura italiana. Guido Romano estuda a filosofia escolástica e escreve tratados sobre o assunto em hebraico. Seu primo, Manoello, torna-se amigo íntimo de Dante, escreve uma espécie de Divina Comédia em língua hebraica, na qual elogia seu amigo e lamenta a morte do grande poeta florentino em um soneto em italiano.

O próprio Dante tomou como modelo para sua *Divina Comédia* o *Livro da Viagem Noturna* do místico árabe Ibn El Arabi, escrito oitenta anos antes. Esse tratado descreve, de fato, uma travessia dos três mundos do além: o inferno, o purgatório e o paraíso, com os mesmos encontros e peripécias e muitos personagens semelhantes. Ora, Ibn El Arabi era afiliado à seita mística dos “Assassinos” e seu livro havia sido traduzido para o hebraico.

Foi nesse meio intelectual que Dante buscou seu ódio ao papado. Ele coloca no inferno, na “bolgia” dos simoníacos, os papas Nicolau III, Clemente V e Bonifácio VIII, com os corpos enfiados em buracos, a cabeça para baixo, os pés para cima e os pés queimando no fogo! Eles haviam invertido a ordem estabelecida por Deus, era justo que fossem invertidos por sua vez. Eles haviam pisoteado a chama sagrada do espírito. A Santa Chama queima seus pés em troca. A Igreja acaba de sofrer

uma afronta sangrenta, de receber um tapa mais violento do que o de Nogaret na face de Bonifácio VIII. Ela ficará muito tempo abatida por isso. Os humanistas da Renascença apenas desenvolverão esse ódio satânico contra Roma, e Lutero não terá dificuldade em recolher todo esse lixo para jogá-lo na face do papado.

No século XVI, Elie del Medigo ensina publicamente em Pádua e Florença; ele é até mesmo escolhido um dia pelo senado de Veneza para arbitrar um grande encontro filosófico.

Para se constituírem professores e mestres de pensamento religioso, os escritores judeus começaram por editar sua Bíblia hebraica, depois gramáticas e dicionários hebraicos. O primeiro impressor de Mântua é um médico judeu que trabalha com sua esposa. Um outro edita em Reggio na Calábria.

Eis que nossos humanistas ficam imediatamente inquietos. A Igreja não possuía, portanto, a verdadeira Bíblia. Le Pogge se pergunta com base em quais princípios São Jerônimo havia traduzido a Vulgata. Bruni lhe responde que ler a Bíblia no original é mostrar uma desconfiança injusta em relação à obra empreendida por São Jerônimo.

Em 1482, os judeus são expulsos da Sicília e se refugiam em Florença. É lá que eles formam Pico della Mirandola (1463-1494). Sob a discreta orientação de Elie del Medigo e de Jonachan Alemanno, em voz baixa, portas fechadas, trancas puxadas, em seu quarto em Florença, Pico estuda a Cabala em escrituras misteriosas trazidas do Oriente, depois elementos de árabe e de caldeu. Ele mergulhou na ciência dos números. Ele pretende reencontrar na Cabala a encarnação do Verbo, a divindade do Messias e a Jerusalém celeste. Jesus aparece lá, ele acredita, aquele que une todas as coisas no Pai, por quem tudo é feito e de quem tudo se torna, em quem tudo se torna o sábado. Jesus é revelado desde sempre como a Palas de Orfeu, o Espírito paterno de Zoroastro, o Filho de Deus de Mercúrio, a Sabedoria de Pitágoras, a Esfera inteligível de Parmênides e o Verbo de Platão. Para ele, tudo procede por meio de símbolos, alegorias e imagens. Toda revelação é esotérica e hermética. Jesus não escreveu, mas revelou seus mistérios a seus discípulos, como nos ensina Orígenes, e segundo Dionísio, o Areopagita, estes devem se comprometer formalmente a não confiar nada à Escritura, mas a transmiti-los boca a boca.

Na Alemanha, outros rabinos formam Reuchlin (1455-1522). Em 1492, no momento em que os rabinos de Toledo e de Córdoba, expulsos da Espanha, se dirigiam para a Alemanha, um judeu, médico do imperador Maximiliano, presenteou Reuchlin com um manuscrito precioso da Bíblia. Em 1494, Reuchlin publica seu livro *De Verbo mirifico*, cujo sentido era: somente os judeus conheceram Deus. Em 1498, três meses após o suplício de Savonarola, ele visita Florença, recolhe a alma do mártir entre os visionários que o pranteiam, retorna a seus estudos e publica em 1506 seus *Rudimenta hebraica* e em 1512 seu *Lexicon hebraicum*. A doutrina central da Cabala, diz ele, tem como objeto o Messias e tira sua origem imediatamente da iluminação divina. Graças a essa luz, o homem se torna capaz de penetrar o conteúdo da doutrina interpretando simbolicamente as letras, as palavras e as frases da Escritura. Ele é, além disso, tio do famoso companheiro de Lutero, Melanchton.

Na França, o neoplatonismo circula nas obras de Lefèvre d'Étaples. Os escritos do Pseudo-Dionísio exercem muito fascínio sobre os humanistas que os consideram autênticos. Em 1521, em uma

Coletânea de alegorias e sentenças morais extraídas dos dois Testamentos, vemos aparecer as fórmulas bem conhecidas sobre a Iluminação da Inteligência e a “purgação dos sentimentos”.

A penetração platônica é manifesta em um erudito hebraísta, Chéradame de Sééz. Sob o título de *Alfabeto hebraico*, ele publica, em 1529, um pequeno tratado de mística dionisiaca. Ele vê no hebraico, língua sagrada, todo um simbolismo. Essa língua foi, diz ele, ensinada diretamente por Deus; ela é, portanto, eminentemente divina. As palavras têm um sentido oculto. O triplo nome de Jerusalém lhe aparecerá, por exemplo, como o da Trindade. Ele busca nas letras, sua forma, sua consonância, sua harmonia, seu número, todo um novo sentido. Uma figura o ser de Deus, imperecível e simples, a outra, o Cristo, esta, os elementos do mundo imaterial ou as formas múltiplas da criação, aquelas, o homem, sua inteligência e seu corpo. O alfabeto hebraico encerra, assim, toda uma teologia e não é outra coisa senão a especulação neoplatônica de Hermes Trismegisto. A hierarquia dos mundos e a harmonia dos seres “não apenas nas coisas que são visíveis, mas também naquelas que o olho humano não percebe”.

Esse retorno ao platonismo é obra dos hebraístas. Poderíamos continuar assim a longa lista de escritores e de obras destinadas a difundir o pensamento judaico nos meios intelectuais da Renascença, mas a lista seria enfadonha e inútil.

Humanistas, Uma seita de iniciados

A partir do século XV, os humanistas, formados pela Cabala judaica e pelo neoplatonismo, cobriram a Europa Ocidental, exceto a Espanha, de onde os judeus foram expulsos, com uma densa rede de relações e cumplicidades ativas. Eles fizeram circular, sob o manto a princípio, e depois cada vez mais abertamente, uma infinidade de obras de violentas polêmicas anticristãs, onde insultavam o papa, zombavam das ordens religiosas com um ódio feroz contra tudo que pudesse ter cheiro de ascese, renúncia, pobreza voluntária.

Ligados entre si por um segredo comum, os humanistas praticavam um método maravilhoso e eficaz para se darem uma grande autoridade intelectual sobre a elite culta de seu tempo, evitando cuidadosamente todos os riscos inerentes à sua luta implacável. Começavam por garantir a proteção de um poderoso da época, um cardeal, um bispo, um príncipe, um rei, o próprio imperador, até mesmo o papa. Lisonjeavam-nos um a um sem vergonha. Serviam indiferentemente um ou outro. Filelfo colocou-se a serviço dos Visconti, depois da República Ambrosiana, depois dos Sforza. Pontana serviu indiferentemente os Aragoneses ou os Franceses que acabavam de expulsá-los de Nápoles. Assim que uma personalidade emergia, eles acorriam, solicitavam, adulavam.

No início de seus escritos, redigiam grandes declarações de ortodoxia para escapar da fúria dos tribunais inquisitoriais ou do Santo Ofício. Marsílio Ficino escrevia no início de suas obras:

“Em todas as coisas que foram tratadas por mim aqui ou em outro lugar, não quero apresentar nada que não tenha sido aprovado pela Igreja.” (*“Tantum adsertum esse volo, quantum ab Ecclesia comprobatur”*.)

Eis, por exemplo, a história de Lorenzo Valla. Nascido em Roma em 1415, estudou história, declarou que a famosa doação do imperador Constantino à Santa Sé era uma falsificação. Então insultou o papa, afirmou que uma cortesã era mais útil à sociedade do que uma religiosa, alegou nunca ter encontrado um papa honesto e acrescentou uma série de outras gentilezas desse tipo. Teve que fugir e refugiou-se junto de Afonso, o Magnânimo, rei de Nápoles e protetor dos homens de talento (entenda-se, dos humanistas), em 1445. Mas Valla era também violento e briguento; manejava a espada ainda melhor do que a pena e a polícia napolitana começava a se interessar por ele. Uma tempestade ameaçava. Felizmente, ele também havia escrito algumas insanidades sobre a Trindade e o livre-arbítrio. Foi condenado a ser queimado vivo pela Inquisição. Mas o rei Afonso interveio. Valla escapou de ser açoitado no claustro de São Joaquim. Estávamos em 1447. Ele retornou depois a Roma, onde teve a sorte de encontrar o papa Nicolau V. Imediatamente o papa lhe concedeu uma pensão; tornou-se cônego, curial e professor, elogiado e famoso.

Uma aventura semelhante pode ser lida na história da Academia de Roma. Vemos surgir ali uma verdadeira sociedade secreta de humanistas.

Um dia, o papa Paulo II (1464-1471) demitiu do colégio dos “abreviadores da chancelaria romana” vários humanistas e os substituiu por outros mais seguros do ponto de vista doutrinário. Durante vinte meses, eles cercaram as portas do palácio pontifício sem conseguir serem admitidos. Um deles, Platina, escreveu então ao papa para ameaçá-lo de ir ter com os reis e os príncipes e convidá-los a convocar um concílio perante o qual Paulo II teria que se desculpar de sua conduta para com eles. Essa insolência o fez ser levado ao castelo de Santo Ângelo; o resto da tropa reuniu-se em casa de um deles, Pomponio Leto. Assim nasceu a Academia Romana, da qual o historiador Gregorovius nos diz que funcionava “como uma loja maçônica clássica”.

Para evitar processos, os membros desta Academia se reuniam nas catacumbas. Eles celebravam o seu Natal no aniversário da fundação de Roma. O seu papa era Pomponio Leto, “é o oráculo das boas letras, diz-nos Antônio de Verona, o chefe singular das Musas, o Soberano Pontífice” (*Maximus Pontifex*). Platina era chamado de “*pater sanctissimus*”. Este último, Callimachus, Luca Tolosa e seus amigos também

“se divertiram com as histórias dos romanos, gostaram delas e para que Roma voltasse ao seu primeiro estado, deliberaram tirar esta cidade da sujeição dos padres”.

O Papa Paulo II preocupa-se; nos últimos dias de fevereiro de 1468, a polícia pontifícia prende os membros da Academia sob a acusação de lesa-majestade pontifícia e conspiração: eles haviam planejado simplesmente assassinar Paulo II e proclamar a República. Pomponio Leto havia fugido para Veneza. Ele é trazido de volta e preso com os outros no Castelo de Santo Ângelo.

Mas o papa seguinte, Sisto IV, apressa-se a tirar os prisioneiros de sua masmorra. Todos os membros da Academia Romana recuperam seus antigos cargos. Platina é nomeado bibliotecário do Vaticano, Pomponio é restabelecido na Sapienza. As reuniões da Academia são retomadas. E continua-se a sacrificar a São Vitório, a São Fortunato, a São Genésio: são nomes transparentes, a

Vitória, a Fortuna e o “Genettiaco” da cidade eterna. Em 1483, o imperador Frederico concede à Academia Romana, que se recuperou definitivamente, o direito de criar doutores e coroar poetas. E o jogo está feito; os subversivos são os mestres do terreno na própria Roma, no centro da cristandade.

Outra sociedade secreta... Em 1545, Sozzini ou Socinus, ou Socin, nascido em Siena em 1525, funda em Vicenza uma sociedade secreta para a destruição do cristianismo, que queria substituir por um puro racionalismo. Em 1546, ele organiza uma conferência em Vicenza para onde vêm delegados de toda a Europa, unidos pelo seu ódio a todo o cristianismo. Durante esta conferência, foi acordado o meio de destruir a religião de Jesus Cristo, formando uma sociedade secreta. O apóstata Ochin, antigo geral da ordem dos Capuchinhos, estava presente neste encontro e foi um dos mais virulentos. O papa Paulo III, informado desta conferência de Vicenza, enviou uma carta à República de Veneza para sinalizar este perigoso foco de corrupção. Júlio Trevisan e Francisco de Lugo foram presos e executados. Os outros, incluindo Ochin e Lelio Sozzini, conseguiram fugir. Tornaram-se na Europa os propagadores de uma nova doutrina que pretendia construir sobre as ruínas da Igreja um templo que aceitaria todas as crenças, desde o livre-pensamento até ao culto de Lúcifer. Eis os primórdios do ecumenismo. Após a morte de Lelio, seu filho, Fausto Sozzini (1539-1604) foi seu zeloso continuador. Adriano Lemmi, antigo Grão-Mestre do Grande Oriente da Itália, apresentou, durante a sua eleição, a 29 de setembro de 1893, Lelio Sozzini como o verdadeiro pai da Maçonaria.

A cumplicidade das grandes autoridades políticas e religiosas é considerável nesta difusão das seitas anticristãs durante o Renascimento. Papas, reis, imperadores, cardeais tornaram-se os protetores zelosos e eficazes daqueles que preparavam a sua própria queda. Cegueira culposa.

Um dia, quando Erasmo, assustado com as consequências violentas de uma Reforma protestante que ele havia singularmente contribuído para fomentar, escrevia sua decepção ao seu amigo, o príncipe Alberto de Carpi, este respondeu-lhe colocando de volta as verdadeiras responsabilidades:

“Os príncipes eclesiásticos e leigos, escreve ele, colhem agora os frutos da semente que eles espalharam em profusão, ou que pelo menos favoreceram o crescimento. São os poetas que mais contribuíram para incitar na Alemanha a revolta contra a Igreja e a Sociedade. São eles que encorajaram todas essas violações do direito que testemunhamos todos os dias. Mas quem apoiou esses homens? São os dignitários eclesiásticos e mesmo os de mais alta patente. Eles mantiveram nas suas cortes voluptuosas essas pessoas com tendências semi-pagãs que lançam desprezo sobre tudo o que permaneceu querido ao povo e não têm outro objetivo senão a derrubada de tudo o que existe.”

Esta carta é extraída das *Lucubrationes* nas quais Erasmo, desapontado com os resultados da reforma luterana, havia reunido documentos na última parte de sua vida.

O culto de Platão

Segundo Platão, os objetos que chamamos de “reais” são, na verdade, apenas reflexos do mundo eterno das Ideias, onde se encontram, dotados de vida real, os modelos desses objetos. Nossas sensações ligadas ao corpo perecível nos fazem conhecer apenas aparências e é somente através do conhecimento (a “Gnose”) que nossa alma pode se elevar gradualmente até a contemplação das Ideias puras. Essa alma eterna viveu outrora no mundo superior das Ideias e para lá retornará quando for libertada da prisão do corpo. Ela guardou uma reminiscência confusa que lhe permite acessar a contemplação das Ideias sem recorrer ao raciocínio.

Não se vê onde Deus poderia se encaixar nessa filosofia, senão como Demiurgo, fabricante da matéria. De fato, as grandes teses do Platonismo estão em contradição manifesta com a Fé cristã. A Igreja sempre condenou a natureza divina da alma, sua preexistência e suas transmutações. Ela afirma que Deus é o único criador de tudo e, portanto, que esse mundo das Ideias não existe. Compreendemos também que essas teses condenadas pela Igreja são comuns a Platão, à Gnose clássica e à Cabala judaica. Cada vez que, na história do pensamento cristão, se assiste a um impulso gnóstico, ele sempre se realiza sob a forma de uma invasão do Platonismo. Foi eminentemente o caso do Humanismo na época do Renascimento.

Já Petrarca, no século XIV, havia lido vários diálogos de Platão, no texto original trazido de Constantinopla, e se apaixonou por essa filosofia que opôs em vários tratados à de Aristóteles. Foi ele quem preparou o caminho para Bessarion e Marsilio Ficino. Ele zomba do ensino da escolástica, declara que os doutores em silogismo são falastrões “inchados de nada, trabalhando sem cessar no vazio e se exercitando em futilidades”. Ele se irrita com o respeito supersticioso com o qual a Escola cerca Aristóteles. Sente-se em seus ataques violentos a embriaguez da liberdade de exame. E, no entanto, ele é recebido na corte do papa em Avignon. Esta não compreende as consequências de tais demolições.

Mas foram sobretudo as obras do cardeal Bessarion que exerceram uma influência capital sobre o movimento dos espíritos. Após seu retorno de Constantinopla, ele se tornou o mentor dos humanistas. Ele defendeu a causa de Platão contra seus detratores em vários tratados: *De natura arte, In calumniatorum Platonis*.

“Preferir Aristóteles a Platão, diz ele, é algo permitido, mas acusar este último de ignorância em tudo, é fazer um libelo e não um paralelo.”

Por meio de uma defesa tão erudita e calorosa de Platão, ele quer mostrar que as audaciosas especulações da Academia não merecem as desconfianças da Idade Média e que, seguindo os Padres mais ilustres, era possível se elevar da filosofia platônica às verdades da religião. Ele ensinou pelo seu exemplo que, no domínio da razão, é preciso evitar todo exclusivismo e que o amor que se sente por um grande espírito não deve fechar os olhos para os méritos de outro:

“Honro e venero Aristóteles, escreve ele mesmo, e amo Platão.”

Percebe-se bem para onde seu coração pende. O respeito aparente por Aristóteles é apenas o meio de atrair os espíritos para Platão e todos os humanistas, que o entenderam muito bem, não se conterão mais para rejeitar com desprezo e violência toda a escolástica. Foi Bessarion quem lançou o movimento.

Finalmente, é em Florença, sob a proteção dos Médici, que o culto a Platão vai ganhar toda a sua amplitude. Durante seu exílio provisório, Cosme de Médici acolhe os sábios gregos que os turcos expulsaram: Argyropoulos, Demétrius Chalcochondyles, Jean Lascaris, o cardeal Bessarion, o velho Gemisto Pleto e outros. Em seu retorno a Florença, ele funda a Academia Platônica, cuja presidência confia ao filho de seu médico pessoal, Marsilio Ficino . Nascido em 15 de outubro de 1433 em Florença, tornado cônego da igreja de São Lourenço, ele é recebido por Cosme, que lhe abre suas mais belas vilas, seus jardins floridos à sombra de pinheiros, ciprestes e lariços:

“Ainda ontem, escreve Cosme a Marsilio, cheguei à minha vila Careggi, menos com o desejo de melhorar minhas terras do que de me melhorar. Venha me ver, Marsilio, assim que puder e não se esqueça de trazer consigo o livro de seu divino Platão sobre o Soberano Bem. Não há esforço que eu não faça para descobrir a verdadeira felicidade. Venha e não se esqueça de trazer consigo a lira de Orfeu.”

O primeiro trabalho da Academia de Florença é derrubar Aristóteles, esse colosso erguido sobre o formidável pedestal da “Suma Teológica”. A estrela de Platão, apagada com o fim da Escola de Alexandria, se ergue no horizonte e a humanidade pensante será dividida em dois campos, ela será aristotélica ou platônica. Mais do que uma escola, a Academia é uma religião, um fervor ardente e puro reunindo em um culto público todos os fiéis de Platão. Marsilio Ficino é a alma, a vida.

Platão morreu, deitado em um banquete aos 81 anos, número perfeito, pois se obtém multiplicando 9 por 9. Retoma-se o hábito de celebrar sua morte em 7 de novembro, costume que havia se perdido desde Plotino e Porfírio. Platão é a Verdade, corroborada por Santo Agostinho que pôde dizer “que, por pouco, os platônicos são cristãos”. Estudam-se as grandes questões levantadas pelo Mestre: o homem é livre ou não? A Natureza age com desígnio ou não? Ela está consciente do objetivo para o qual tende ou não? Ela oferece uma essência divina? A reflexão é imanente à Natureza? Ela pertence propriamente ao Espírito divino que governa a Natureza?

A alma não é o corpo, diz ainda Marsilio Ficino , é a alma que sente e não o corpo; a alma repele o corpo. Ela não habita a terra, ela não é senão um hóspede divino que deve retornar à sua pátria celeste. Ela caiu em decorrência de uma queda, ela deve transmigrar para retornar ao mundo perfeito de onde veio. Platão, que de fato não é senão um habilidoso encenador das doutrinas orientais ensinadas por Pitágoras, torna-se em sua boca uma espécie de Messias; seus discípulos são apóstolos. Marsilio permanece prostrado diante de todos os platônicos, Justino, Orígenes, Clemente, Filo, que buscam conciliar o Gênesis e o Timeu, diante de Numênio, que afirma que toda a teologia está contida nos diálogos de Platão. Ele envolve Platão com uma auréola. Platão é o precursor:

“Nosso Platão”, exclama ele, “com razões pitagóricas e socráticas, segue a lei de Moisés e prediz a lei de Cristo.”

Que digo eu, Platão é o próprio Deus e seus mistérios são divinos. Diz-se que Marsilio acende uma vela dia e noite diante do busto de Platão. Ele o prega na igreja dos Angeli em Florença:

“No meio desta igreja, queremos expor a filosofia religiosa de nosso Platão. Queremos contemplar a verdade divina nesta morada dos Anjos. Entremos nela, caríssimos Irmãos, com um espírito puro.”

Ele acrescenta:

“Certamente descobri que Numênio, Filo, Plotino, Jâmblico, Proclo buscaram seus principais mistérios em João, Paulo, Dênis, o Areopagita, porque tudo o que os platônicos dizem sobre o espírito divino, os anjos e outras coisas da teologia, eles tiraram deles...”

Em 1460, Cosme compra o *Corpus Hermeticum* e se apressa em mandá-lo traduzir por Marsilio. Ambos ficaram eletrizados com a descoberta desta revelação primordial; os textos herméticos eram supostamente pré-mosaicos e pensava-se então que eles haviam inspirado Moisés, Pitágoras e Platão. Foi somente em 1614 que Isaac Isaac}Casaubon demonstrou que eles não eram anteriores ao século II de nossa era. Na mesma época, o papa Alexandre VI (1492-1503) havia mandado pintar no Vaticano um afresco, destruído desde então, mas repleto de símbolos herméticos e egípcios. Foi através do *Corpus Hermeticum* que a Gnose mais clássica conseguiu penetrar no Humanismo renascente.

Como seu avô Cosme, Medici, o Magnífico, cultivava a filosofia platônica, como um verdadeiro discípulo de Ficino. “Sem Platão”, gostava de dizer, “eu me sentiria incapaz de ser um bom cidadão e um bom cristão.” Pico della Mirandola é seu conselheiro íntimo. Medici escreve hinos: o canto “*Orazione Magna Dea*”, o hino “*Oda il sacra inno tutta la Natura*”, Ode ao sagrado contido em toda a Natureza. Neles se encontra a ideia de que o mundo é encarado como um grande Cosmos físico e moral, que é a reprodução de um modelo preexistente; encontra-se também que a alma pode, por meio do Conhecimento (a Gnose), fazer entrar o Ser infinito no círculo estreito que ela abrange e depois se estender ela mesma indefinidamente, graças ao amor divino. Tal é a verdadeira felicidade na terra.

Este culto a Platão é complementado por uma atitude curiosa em relação a Aristóteles. Marsilio Ficino o considera como um caminho para conduzir a Platão:

“Aqueles se enganam completamente que pensam que a disciplina peripatética e a disciplina platônica são opostas, porque o caminho não pode ser contrário ao objetivo.”

Pico della Mirandola acrescenta que “não há questão natural e divina em que Aristóteles e Platão não concordem sobre o sentido e a coisa, ainda que pareçam diferir pelas palavras”. O que é uma manifesta inverdade.

Pico preparou uma obra: *Concordia Platonis et Aristotelis* que a morte o impediu de terminar. Mas a guerra é declarada ao Aristóteles da Idade Média, ao “filósofo” por excelência de São Tomás de Aquino. Só se conhece mais o Aristóteles pagão interpretado de maneira panteísta por Averróis.

E essa evolução no pensamento cristão se reflete na história da arte nessa época. Enquanto os velhos pintores, como Francesco Traini, Benozzo Gozzoli e Taddeo Gaddi representavam São Tomás, o Anjo da Escola, dominando Aristóteles e pisoteando Averróis, “o Anticristo”, Rafael, na Escola de Atenas, opõe aos doutores cristãos os mestres da Sabedoria grega, Platão e Aristóteles, lado a lado, a filosofia pagã diante da Teologia.

O culto do homem divinizado

O homem, essa centelha divina caída no mundo, é de natureza e origem divina. Ele é “*imago mundi*”, microcosmo no macrocosmo, ou seja, a reprodução aqui na terra do mundo divino. Somente ele é Deus. Ele é, inclusive, o florescimento de toda a Natureza em sua perfeição. Os humanistas repetiram isso de todas as formas. “O homem”, diz Leone Baptista Alberti, “pode tirar de si tudo o que quer.” “A natureza de nosso espírito é universal”, diz Matteo Palmieri. “Nascemos nesta condição”, diz Pico della Mirandola, “para que sejamos o que queremos ser.”

“O homem”, diz Marsilio Ficino, “se esforça para permanecer na boca dos homens para todo o futuro. Ele sofre por não ter podido ser celebrado por todo o passado, por todos os países, por todos os animais... Ele mede a terra e o céu, examina as profundezas do Tártaro, e o céu não lhe parece muito alto, nem o centro da terra muito profundo. E, como ele conheceu a ordem dos céus e quem move esses céus, e para onde eles vão, e suas medidas e seus produtos, quem negará que ele tem quase o mesmo gênio que o autor desses céus e que, de certa forma, ele mesmo poderia criá-los?... O homem não quer igual ou superior, ele não tolera que haja acima dele algum império do qual ele seja excluído. Esse é apenas o estado de Deus. Ele se esforça em todos os lugares para comandar, para ser louvado em todos os lugares. Ele se esforça para ser em todos os lugares como Deus. Como Deus, ele se esforça para ser sempre.”

Estas fórmulas tiradas de sua *Theologia platonica*, são comentários do “*Eritis sicut dei*”, promessa da Serpente a Adão. No entanto, percebe-se nesses textos uma raiva surda contra Deus. O Homem gostaria muito de ser divino; mas é nele um “esforço” voltado para o futuro e não uma realidade

atual. Este culto do Homem está em devir.

Pico della Mirandola publica um *Discurso sobre a dignidade do Homem*. Para terminar a obra da criação, Deus fez o Homem, para que ele conhecesse as leis que regem o Universo, que animasse sua beleza, que admirasse sua grandeza. Ele não o condenou a viver no mesmo lugar, como as plantas, ele não acorrentou sua ação e sua vontade, como para os animais, mas lhe deu a liberdade de agir a seu bel-prazer, de ir e vir:

“Eu te coloquei no meio do mundo, diz o criador a Adão, para que pudesses mais facilmente passear o olhar ao seu redor e ver melhor o que ele encerra. Ao fazer de ti um ser que não é nem celeste, nem terrestre, nem mortal, nem imortal, eu quis te dar o poder de te formar e de te vencer a ti mesmo. Podes descer até o nível da besta e podes te elevar até te tornar um ser divino. Ao virem ao mundo, os animais têm tudo o que devem ter, mas os espíritos de uma ordem superior são desde o início ou, pelo menos, logo após sua formação [alussão à queda de Lúcifer e de seus partidários] o que devem ser e permanecer na eternidade. Somente tu podes crescer e te desenvolver como quiseres, tens em ti os germes da vida sob todas as formas.”

A partir de um pensamento muito justo, de que o homem foi colocado por Deus nos confins do mundo material e do mundo espiritual, Pico della Mirandola falsifica o plano divino. Jamais Deus revelou a Adão que ele poderia um dia se tornar divino. Ele apenas pediu a ele que reinasse sobre a criação como homem e que homenageasse seu criador respeitando a ordem desejada por ele, ou seja, a ordem da Vida e a distinção do Bem e do Mal, as duas árvores sagradas do Paraíso. Ora, Pico della Mirandola afirma que Deus também teria dado ao homem a faculdade de se divinizar por si mesmo à sua vontade. Como este último poderia adquirir essa faculdade, se ele não a possuísse já por sua própria natureza?

Este discurso foi enviado a Roma, examinado por um colégio de sábios apostólicos e autorizado a ser publicado em 1486. Em seguida, objeções surgiram contra “este mago ímpio, novo herege”; o papa Inocêncio VIII suspeitou das teses do jovem, “envolvidas em vocábulos novos e insólitos”. Ponto, é tudo. Diante de uma invasão da Gnose, tirada da Cabala, a autoridade suprema mostrou uma singular indulgência.

Tal é o ideal de todos os humanistas. Já no início do século XVI, Coluccio Salutati havia escrito os *Trabalhos de Hércules*:

“O céu”, diz ele, “pertence por direito aos homens enérgicos que sustentaram grandes lutas e realizaram belos trabalhos na terra.”

Trata-se, portanto, de uma conquista por pleno direito. O Homem tira de suas próprias forças seu fim último e sua perfeição. O Homem é um Deus em devir. Coluccio Salutati era o mestre de

Poggio Bracciolini. Seus discípulos povoaram o colégio dos secretários apostólicos, os “abreviadores” de que falamos, instalados em Roma, no centro da Cristandade.

Em sua *Utopia*, Thomas More propõe como exemplo a busca desenfreada pelos prazeres naturais que fazem “o tempero e o charme da vida”. Ele foge “de toda volúpia que impediria de desfrutar de uma volúpia maior ou que seria seguida por alguma dor”. Ele exalta a saúde e se proíbe de sacrificar, pelo jejum e pela abstinência, “a um vão fantasma de virtude”. Ele é ávido por felicidade. Nada é negligenciado para obtê-la. Em Utopia, as pessoas se casam: as núpcias são precedidas por um exame nupcial:

“Uma senhora honesta e séria apresentará ao noivo sua noiva, filha ou viúva, em estado de nudez perfeita, e reciprocamente, um homem de probidade comprovada mostrará à noiva seu noivo, no mesmo estado de simplicidade.”

A honra da Cidade quer cidadãos de nobre raça, prestes, vigorosos, amando a saúde, o lazer, as alegrias da vida. A beleza e a robustez do corpo são os sinais dessa exaltação do homem divinizado.

A *Utopia* foi publicada em novembro de 1516, em Louvain. A obra imediatamente conquistou a estima de todos os grandes humanistas, entre os quais Guillaume Budé e Erasmo. Ela só foi traduzida para o francês em 1550 por Jean Le Blond; mas já em 1532, a própria palavra faz sua aparição no vocabulário francês com Rabelais . Seu *Pantagruel* se inspira na *Utopia* de Thomas More, mas com ainda mais impudência.

A Abadia de Thélème (em grego, vontade livre) é construída às margens do Loire “ao contrário de todas as outras”. Sem muros exteriores, sem relógio; homens e mulheres ali praticam um triplo voto de “casamento, riqueza e liberdade”; é bem a inversão da perfeição cristã: “castidade, pobreza e obediência”.

“Foi ordenado que ali não seriam recebidos senão os bem formados e bem-nascidos e as belas, bem formadas e bem-nascidas... Foi constituído que ali se pudesse casar, que cada um fosse rico e vivesse em liberdade.”

Uma grande placa é colocada na porta de Thélème e proíbe a entrada a “hipócritas, beatos, beatolas”, pessoas da justiça e usurários; apenas são admitidos os “nobres cavaleiros, as damas de alta estirpe, flores de beleza, com rosto celestial, com porte prudente e sábio” e os cristãos evangélicos. “Entrem, que se funde aqui a fé profunda! Então que se confunda e por voz e por papel os inimigos da santa Palavra.” Trata-se de conciliar o desabrochar total da natureza humana com um suposto cristianismo voltado às suas origens.

Mas estamos nos antípodas da fé cristã:

“Em sua regra, não havia senão esta cláusula: Faça o que quiser, porque pessoas bem nascidas, bem instruídas, conversando em companhia honesta, têm por natureza um instinto e aguilhão que sempre as impulsiona a fazer o que é virtuoso.”

Isso as impulsiona, de fato, de uma maneira ainda mais imperiosa, pois a moral aqui consiste na satisfação de todos os instintos. Elevar ao mais alto grau de intensidade a humanidade que se carrega em si, a “virtude”, tal é a lei moral. O “Homem universal” deve desenvolver harmoniosamente todas as felizes disposições de seu corpo, todas as faculdades de sua inteligência. Lá onde a Igreja afirma que a curiosidade de Eva perdeu a humanidade, os humanistas fazem da curiosidade insaciável e dirigida a todos os lugares a principal das virtudes; lá onde a Igreja ensinava a humildade em uma ignorância respeitosa do mistério, eles colocaram seu ideal no Conhecimento (a Gnose).

Finalmente, em Thélème, não há igreja. Cada um dos 9.332 quartos dispõe de uma capela particular: a religião reduzida à satisfação de um sentimento totalmente individual, fantasia indefinidamente modificável ao gosto de cada um.

Além disso, que necessidade o Homem divinizado tem de um Deus? Ele se cria a si mesmo, rejeita toda marca de uma vontade divina pretendendo se exercer sobre a existência aqui na terra. A sociedade utópica é vazia de Deus, porque ela mesma dispõe dos atributos da divindade. Ela renegou Deus para se entregar à adoração dos homens. Como diz muito bem Jean-Philippe Delsol, os humanistas

“não clamavam ainda a morte de Deus, mas preparavam involuntariamente [?] a liteira na qual os séculos seguintes o deitarão antes de o enterrar”.

E esse culto do Homem se manifesta até mesmo na arte da época. Todo o pensamento de Leonardo da Vinci, por exemplo, está embriagado de paganismo, exaltado por costumes voluptuosos e violentos, com a pretensão de reencontrar a beleza original e de inventar a ciência. Seu São João, colocado em uma solidão esplêndida, aparece como um deus da volúpia. Em seu olhar, explodem os ardores da paixão e de todas as audácias do Espírito. De sua boca se ouve o antigo grito pagão de Evohé. A Mona Lisa permanece na entrada de um labirinto estranho formado por rochas bizarras e riachos sinuosos que fogem nas névoas do horizonte. Tranquila e sorridente, a sereia espera com um brilho pérfido nos olhos e sobre os lábios finos e cerrados, o charme mortal da mentira.

O que resta de verdadeiramente cristão nesses São Sebastões parecidos com Adônis, nessas Madonas que são Vênus disfarçadas?

Até mesmo na arte funerária, percebe-se essa exaltação da vida divinizada. O aparato da morte se envolve em um elogio à vida e glorifica a majestade e a beleza do vivente. Chega de “pranteadoras” que escoltam o “jazente”. O morto é como que por milagre, ressuscitado. Ele se

levanta do caixão, levanta a tampa, apoia o cotovelo na borda do túmulo e parece conversar com os seus que vieram lhe visitar. Em breve, ele caminhará, ele argumentará...

O culto da serpente: rumo ao ecumenismo

No século XVI, a Serpente se torna modesta e ainda não clama vitória, como fará no século XIX na fúria romântica. Mas ela sabe se tornar insinuante. Ela murmura discretamente aos ouvidos dos humanistas. Ouçam-na! Seu lema é o Ecumenismo. Todas as religiões são válidas, todas são excelentes em seu domínio, mas sigam-me e eu lhes ensinarei a verdadeira religião, a da Felicidade e da Liberdade.

Gemisto Pleto sonhou com uma tripla revolução religiosa. Ele adora um Deus hiperbóreo, ele anuncia uma nova religião que não será “nem de Cristo, nem de Maomé, mas não difere essencialmente do paganismo”. Ele publica seu opúsculo em 1489 em Florença.

Luigi Pulci publica seu *Morgante maggiore*, confessa que acredita na bondade relativa de todas as religiões. É o demônio Astaroth quem diz isso no capítulo 25 de seu poema. Antes pensava-se que era preciso ser ortodoxo ou herético, ou cristão ou muçulmano. Pulci cria a figura do Gigante Margotte, que ri de todas as religiões, professa o egoísmo mais material, se entrega a todos os vícios. No capítulo 16, ele completa o ensinamento de Astaroth com um discurso deísta da bela pagã Antéa, que é a expressão mais clara das opiniões que corriam entre os companheiros de Lourenço de Medici.

O demônio Astaroth frequentou a Academia Platônica, leu toda a obra de Marsilio Ficino, ouviu o astrônomo Lorenzo Buonincontri, comentou o *Astronomicon* de Manilius. Ele tem sua opinião sobre Deus, a Trindade, o livre-arbítrio, a queda e a eterna danação dos Anjos. O necromante Malagigi o evoca para ter notícias de Rinaldo. O próprio Astaroth entrou no cavalo de Rinaldo, que ele traz do Egito. Ele lhe revela pela boca de sua montaria que, além das colunas de Hércules, existem cidades e um povo chamado “Antípoda” onde se adora o Sol, Júpiter e Marte. Cada religião, diz ele, é agradável a Deus, contanto que seja sincera. Somente a fé cristã é verdadeira, é claro, e os judeus e os maometanos serão condenados. Mas eles não perderão nada com isso, pois até no inferno se encontra “gentileza, amizade e cortesia”.

Corre entre todos os humanistas uma admiração discreta pelo Islã. Atribui-se a ele um ideal de generosidade, dignidade e orgulho. Exalta-se tal ou tal sultão, principalmente Saladino, como Boccaccio no *Decameron* ou no *Comento di Dante*. Em Masaccio, exaltam-se sultões, o rei de Fez, o rei de Túnis. Fazio degli Uberti exalta “*el buono Saladin*” em seu *Il Dittamondo*. Também é preciso ouvir as declarações furiosas contra o papa Pio II, quando ele convoca uma cruzada contra os turcos, um Piccolomi, no entanto, um grande amigo dos humanistas...

A Astrologia também vem bem oportunamente em socorro do Ecumenismo. São autores árabes e judeus que difundem então essa teoria de que cada religião depende dos astros. Baptista Mantuan, em seu *De Sapientia* explica que a conjunção de Júpiter com Saturno havia produzido a doutrina hebraica, a de Júpiter com Marte havia dado origem à religião caldeia, a religião egípcia era o fruto da conjunção de Júpiter com o Sol; Júpiter, em conjunção com Vênus havia criado o Maometismo, em conjunção com Mercúrio, ele havia gerado o Cristianismo. Como se vê, as religiões estão sob a

dependência direta dos Arcontes de nossos gnósticos, dos Sefirot de nossos cabalistas, que são as verdadeiras divindades regentes dos astros. Nota-se também que o Arconte, mestre do Cristianismo, é Mercúrio, ou seja, Hermes, o três vezes muito grande, o “Trismegisto”: foi ele quem foi formado pelo “Pastor” o Poimandres, ou seja, o Cristo, o último dos Grandes Iniciados.

Ainda mais insinuante, o demônio inspira aos poetas do Renascimento os argumentos que nossos modernistas se divertiram em desenvolver desde o século passado e que são retomados hoje por nossos modernos gnósticos.

Um certo Teódulo (Theodulus é nome familiar) publica uma écloga na qual ele coloca em cena Pseustis, a Mentira, e Alithéa, a Verdade. Dois pastores que, à moda de Virgílio, travam uma luta dialética. Phronesis, a Sabedoria, é tomada como árbitra e, enquanto Pseustis conta as fábulas da antiga Grécia, Alithéa lhe opõe os maravilhosos relatos da Bíblia. Conclui-se que a Verdade permanece vitoriosa. Mas que demolição nesse meio tempo! Se Alithéa fala de paraíso terrestre, é porque Pseustis cantou a idade de ouro, o reino de Saturno. Se ela conta a história de Adão expulso do Paraíso, seu adversário mostrou Saturno destronado por Júpiter, a idade de ouro substituída pela idade de prata. Vê-se de um lado Cécrope instituir o culto idolátrico, do outro Abel e Caim oferecer sacrifícios. Depois vem Licaon com Enoque, o dilúvio de Deucalião com o dilúvio de Noé. Hebe é suplantada por Ganimedes e o corvo é amaldiçoado pelos animais porque não trouxe em sua volta a notícia da Salvação. Aqui os Titãs travam guerra contra o Olimpo e ali, Babel se ergue contra o céu, Dédalo causa a perda de seu filho Ícaro e Abraão sacrifica Isaac, etc.

Poderia-se inferir de tais concordâncias, que os elementos da humanidade primitiva haviam se transmitido oralmente e se deformado ao longo dos séculos, que a imaginação havia adicionado muita fantasia, mas que o Gênesis havia conservado a tradição mais autêntica. Os humanistas tiraram outra conclusão, que todas as religiões, a cristã como as pagãs, eram deformações de uma Tradição primitiva perdida e a Serpente estava ali, bem perto de seus ouvidos, para lhes sussurrar que ela era a única que a conhecia de verdade e que, se quisessem ser iniciados nela, eles precisariam passar pelo Conhecimento (a Gnose).

Os humanistas praticam habitualmente a mistura das duas inspirações, a cristã e a pagã. Pio II escreve ao sultão de Constantinopla que “o Cristianismo não é senão uma nova lição mais completa do Soberano Bem dos antigos”.

Leone Baptista Alberti, já citado, comenta segundo um método semelhante os seis primeiros livros da Eneida de Virgílio. As viagens que levarão Eneias até a Itália, que representa a Sabedoria (a Sofia dos gnósticos), simbolizam a ascensão gradual da alma terrestre em direção à contemplação da pura divindade. Ideia totalmente gnóstica.

Pico della Mirandola, no *Heptaplus*, interpreta o relato do Gênesis como o conteúdo dos segredos de toda a Natureza, de modo que a história da Natureza é a história do Espírito divino.

O Ecumenismo contém necessariamente o Panteísmo e o culto do Homem substituído pelo culto de Deus. Ele é a religião da Serpente.

E.C.

Revision #5

Created 13 September 2026 12:27:29 by Admin

Updated 13 September 2026 12:42:29 by Admin